

Por Alves Silva

MEMORIAL DA CONSTRUÇÃO DA IGREJA DA FALAGUEIRA

Construída com sobras das obras do Aqueduto.

Templo velhíssimo, remonta a 15.11.1759.

Resistiu aos rigores da Primeira República, conquanto tenha sido confiscada pelo Estado, na sequência da aprovação da Lei da Separação entre este e a Igreja.

Caiu no maior abandono nos anos vinte do século passado.

A antiga capela hoje recuperada é presentemente

a Igreja da Paróquia da Falagueira e faz parte do património histórico da Amadora.

Não é um baluarte de arquitectura, mas é um dos mais nobres edifícios da cidade, localizado na Estrada da Falagueira, muito perto da Rua Elias Garcia e a poucos metros da sede da Junta da Freguesia e vizinha da redacção deste jornal. Um templo a reclamar atenção por quem por ali passa. Sobre ele, a sua oficialização, e o seu passado, já nesta rubrica foram fornecidos os devidos elementos históricos.

A construção da ermida foi autorizada por provisão do então Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Francisco I, em 15 de Novembro de 1759, mas o pequeno templo já estava construído nesta data e disso se encarregaram alguns operários do Aqueduto das Águas Livres.

O AQUEDUTO NA ORIGEM DA CONSTRUÇÃO DO TEMPLO

Começado em 1731, o Aqueduto das Águas Livres só viria a ser concluído em 1748, mas não globalmente, já que alguns dos seus ramais e acabamentos ainda perduraram por mais alguns anos.

As pedras sobrantes de tão graciosa obra jaziam por todo o percurso, umas maiores, outras mais pequenas. Toda a sua construção, desde as nascentes até Lisboa, foi calculada tendo em conta as pedreiras existentes, de forma a evitar-se o transporte dos calhaus de lugares inacessíveis ou de difícil remoção, alguns iam ficando ao longo do caminho, desprezados, ou para servir obras de menor envergadura, outros eram aproveitados para cercar os campos de sementeira. Da pedra da quinta da Laje foram removidas toneladas de pedra e, por causa desta monumental obra das Águas Livres, estavam criadas condições para ser levantada a ermida através das sobras de pedra, sarrafos e tijolos. Carpinteiros, pedreiros, canteiros e lavradores, estes cedendo bois e bestas para nos carros transportarem os entulhos saídos dos caboucos do templo. Estavam, assim, criadas condições para a construção da ermida, quando a localidade, para além de algumas capelas particulares inacessíveis, pois ficava "alguns lugares distante da Paróquia (que era a de Benfica), mais de meia légua", privava a população, "muitas vezes sem ouvir missa em muitos dias, muito mais no inverno". Esta uma das justificações para o povo da localidade conseguir a provisão legal para nela ser ministrado o culto.

No terreno confiscado para a construção do aqueduto foi levantada a ermida, encostada a um dos respiradores do monumento. Quer isto dizer que sem o aqueduto não teria sido levantada a ermida, depois capela e hoje igreja da paróquia da Falagueira, cuja traça ainda é a da construção, conquanto ao longo do tempo tenha sofrido várias intervenções de manutenção e beneficiação.

A quinta da Laje, ou da Lapa (pedra), viria a dar o nome à padroeira da ermida, Nossa Senhora da Lapa, pois deste monte saiu muita pedra para as obras das águas livres e sob uma das lajes teria aparecido uma imagem da virgem, mas isso não passará de lenda.



Seja como for, o nome de Senhora da Lapa ficou a perpetuar a construção da ermida.

Na construção e, depois, na gestão do templo esteve envolvida muita gente nascida na então Porcalhota e de outros lugares da actual Amadora, nomeadamente Lourenço Anastácio Mexia Galvão, proprietário da Quinta do Bosque; Manuel Pedroso Melancia, moleiro na Venda Nova; Joaquim José Bernardo, da Falagueira; José Rodrigues, mestre ferrador no sítio das Cruzes, que eram os oficiais da mesa da administração da Ermida, mas também Domingos Duarte; José Franco Rosado; os alferes José Pereira de Andrade e Nicolau Possolo; Manuel Gomes Fagueiro; Joaquim José Dourado; Cipriano Pedroso; José Rodrigues; José Pereira de Andrade; Nicolau Possolo, entre muitos outros.

O registo da ermida foi feito por Manuel Rebelo e Castro do Amaral, beneficiado na igreja da colegiada de São Tiago da Vila de Torres Vedras.